

ESPAÇO AGROECOLÓGICO E COMERCIALIZAÇÃO: experiências pioneiras no estado de Pernambuco

AGROECOLOGICAL SPACE AND MARKETING: pioneering experiences in the state of Pernambuco

Marcones Ivo Braz

Mestre PP GEO, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
marconesbraz@gmail.com

Mônica Cox de Britto Pereira

Profa. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife,
PE, Brasil
monicacoxbp@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de identificar as primeiras experiências de comercialização de alimentos agroecológicos em Pernambuco, que posteriormente, no ano de 1997, tornar-se-ia o Espaço Agroecológico, bem como analisar a conjuntura que levou a criação das duas primeiras feiras que o compõem. Após os agricultores adotarem a agroecologia, houve a necessidade da construção de um canal autônomo, distante dos antigos meios de escoamento, que eram as feiras livres e os “atravessadores”, intermediários que, em grande parte dos casos, exploram os agricultores pagando um preço muito abaixo do mercado. O artigo mostra a importância dos mercados paralelos, tendo como modelo a primeira feira de produtos agroecológicos do Recife/PE/Brasil: Espaço Agroecológico do bairro das Graças.

Palavras-chave: comercialização, agroecologia, feira.

Abstract

The present work has the objective of identifying the first experiences of commercialization of agroecological products in Pernambuco, which later, in 1997, would become the Agroecological Space, analyzing the conjuncture that led to the creation of the first two fairs that compose it. After the adoption of agroecology, there was a need to build an autonomous canal, distant from the old means of flow, which were free trade shows and intermediaries, part of the cases, exploit the farmers paying a price well below the market. The article shows the importance of the parallel markets, taking as a model the first fair of agroecological products in Recife/PE/Brasil: Agroecological Area of the Graças neighborhood.

Key words: commercialization, agroecology, fair.

Introdução

A primeira experiência de comercialização dos produtos em Bom Jardim, no agreste de Pernambuco - que eram frutos do que Costabeber (2000) chama de transição agroecológica - nasce como uma estratégia de resistência dos agricultores. O então

mercado convencional (PLOEG, 2006), dominado na região pelas redes de supermercados e em escala ainda mais local pelos atravessadores (figura comum no interior de Pernambuco, que, na maioria das vezes, compram produtos aos agricultores que não possuem acesso ao mercado, por preços abusivos), cada vez mais se tornava inadequado para esse tipo de produção. A estratégia adotada foi então a criação de um mercado paralelo, de características autônomas e regido por princípios comuns, pensados em função da convivência em comum, tanto por parte dos agricultores feirantes ou não, e os consumidores.

Surge então a primeira feira de produtos agroecológicos do Recife. Sendo a feira, que é, segundo Dantas e Pachelly (2008) traço expressivo cultural marcante na região nordeste (sete dos nove agricultores fundadores do Espaço Agroecológico já haviam exercido o ofício de feirantes), tendo a característica de aproximar vendedores e compradores, estreitando as relações entre eles, como relação de fidelidade, descontos relativos e a própria criação de vínculos pessoais.

Desta forma, esse artigo tem o objetivo de identificar as primeiras experiências de comercialização de produtos agroecológicos em Pernambuco, que posteriormente, no ano de 1997, tornar-se-ia o Espaço Agroecológico, analisando a conjuntura que levou a criação das duas primeiras feiras que o compõem.

Primeira experiência com comercialização – a semente do espaço agroecológico

A primeira experiência de comercialização dos produtos que eram frutos do trabalho de implementação agroecológica nasce como uma estratégia de resistência dos agricultores. O mercado convencional, dominado em grande escala pelas grandes multinacionais da indústria alimentícia, em média escala pelas redes de supermercados e em escala local por atravessadores, compra dos agricultores produtos por preços muitas vezes exploratórios. A estratégia adotada foi então a criação de um mercado paralelo (CRISTÓVÃO E TIBÉRIO, 2009), de características autônomas e regido por princípios comuns, pensados em função da convivência, tanto por parte dos agricultores feirantes ou não, e os consumidores.

Antes da existência da Feira do Espaço Agroecológico, os agricultores vendiam sua produção aos atravessadores, como Rafael Justino:

A produção era muita mas era pouco diversificada aqui se plantava só milho, feijão e fava. Tinha roça também e tinha roçado de cará e as frutíferas que tinha aqui que botavam, mas não produzia direito não porque eu derrubava todo o mato com a intenção de plantar as roças de milho e mandioca. Tinha mais essas três ou quatro culturas, aí depois quando teve um espaço pra comercializar a gente se interessou em diversificar, plantando outras tipo de cultura. Eu vendia somente para os atravessadores, eu vendia na feira [convencional do município de Orobó] somente farinha, eu levava pra feira umas cargas de farinha com uns 200 ou 300 kg de farinha aqui na feira de Orobó e tinham uns homens que vinham comprar aqui em casa mesmo. E era tudo vendido muito barato, porque em tempo de muita farinha é barato, quando é tempo de muito milho é barato, cará quando é o tempo é barato. Porque aí eles aproveitam para comprar barato, já que tem muito. E ele compra mais barato ainda do que é. (Rafael Justino, agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2016).

Com a geração de excedentes na produção agroecológica, cogitou-se a possibilidade de comercializar os excedentes. Seria necessário a construção de um mercado alternativo com princípios distintos do convencional. Disse Seu Cláudio:

Aí chegou uma hora que a gente começou a produzir bem, os roçados estavam dando retorno. Antes o que o sítio produzia a gente comia em casa e também servia de ração para os bichos, mas a produção foi aumentando cada vez mais, a gente então começou a vender pra os atravessador de novo. Aí a gente viu que tava errado esse negócio. A gente se sacrificava tanto, tinha tanto trabalho, para depois não fazer diferença nenhuma? Ser vendido como uma mercadoria com veneno normal? Não, tava errado. (Cláudio Oliveira, agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2017).

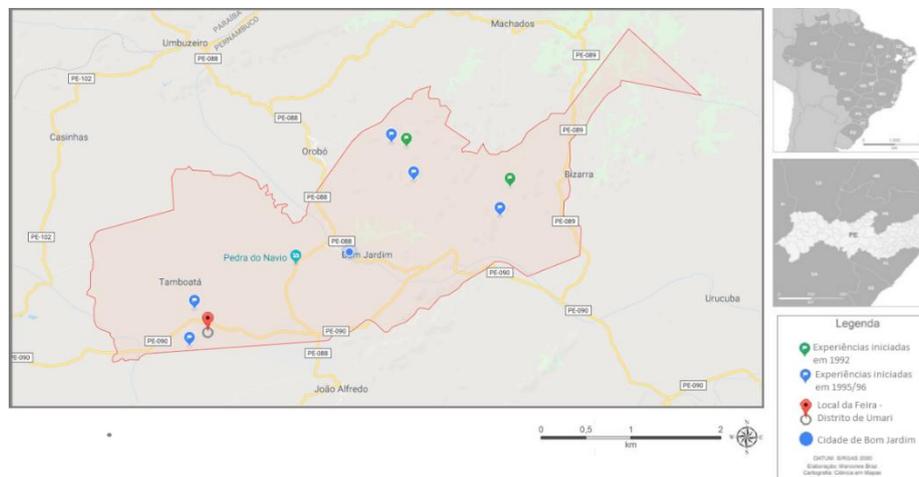
A criação de um canal de comercialização, e a utilização da feira como estratégia foi uma reivindicação dos próprios agricultores, que deveriam obter uma fonte de renda para o sustento de suas famílias e para a própria manutenção do sistema Agroflorestal que foi implementado. Pensamento semelhante tem Pedro Custódio:

A primeira feira foi a partir de uns dois anos depois de implementar esse novo sistema, quando já começou a vir a produção. P.ex. eu não tinha banana e na terra já existiam uns pés de coco, uns pés de fruta que já tinha antes, e quando foi vindo a produção a gente pensou que vender ao atravessador ia continuar a mesma coisa de antes. Então a gente pensou em criar uma feira, e a gente falou com os técnicos do SABIÀ e pensamos em fazer uma feira em Umari, porque lá ainda não tinha feira dia nenhum, e essa feira foi em 1996. A gente saía daqui, pegava os produtos e Rafael que ia também pra feira tinha uma Marajó1 e a gente levava os produtos, o meu e o dele na mesma Marajó. Essa feirinha lá em Umari era aos domingos de manhã. (Agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2017).

Então, os agricultores agroflorestais de Bom Jardim, juntamente com os técnicos do Centro SABIÀ criaram a primeira experiência de comercialização de produtos agroecológicos em Pernambuco. A primeira feira aconteceu em 1996 no distrito de Umari, há 14 km do centro de Bom Jardim e a 112 km do Recife, povoado às margens da rodovia PE – 90, local que, para Rocha (2006) experimenta desde o início dos anos de 1990 um intenso crescimento urbano, e que ainda não possuía feira regular. Em

novembro/1996 se inicia a Feira Agroecológica de Umari, que seria o germe da experiência de comercialização em 1997, em Recife/PE (Mapa 1).

Mapa 1 - Locais de produção e comercialização – Feira Agroecológica de Umari



Fonte: Elaboração própria, 2018.

Dia mundial da alimentação – criação do espaço agroecológico

A primeira experiência com a comercialização no distrito de Umari/Bom Jardim não rendeu os frutos esperados. Entre os problemas mais apontados, estava (1) a falta de conscientização da população, que não entendia a diferença entre os alimentos convencionais e os alimentos agroecológicos, e (2) o baixo movimento de clientes, insuficiente para suprir os custos de produção e transporte.

Para Pedro Custódio, que participou desde o princípio da feira, descreve a experiência como muito ruim, tanto financeiramente falando como pessoalmente:

“Tudo serve de aprendizado na vida né, mas se eu disser que a feira de Umari foi uma boa, não foi não. Tinha a dificuldade pra gente que plantava com jeito, fazendo tudo certo, e o povo fazia era dar risada do trabalho da gente. Teve um dia mesmo que disseram pra mim lá que comer verdura com veneno e sem veneno dava na mesma coisa, porque de todo jeito a gente ia morrer mesmo. Eu fiquei muito desanimado também na questão de dinheiro. Era muito complicado sair daqui lá pra Umari chovendo e fazendo sol, pagando transporte do meu bolso e chegar lá as vezes só conseguir o dinheiro do frete mesmo. Não sobrava quase nada pra família. Aí chegou uma época que não dava mais não”. (Pedro Custódio, agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2017).

Por outro lado, Rafael Justino viu a experiência como fundamental para a posterior criação do Espaço Agroecológico:

“...ninguém gosta de ver produto de qualidade sobrando como estava em Umari. A gente ficava muito triste por não ter o retorno que a gente esperava. Mas foi muito bom, porque deu pra a gente aprender como funcionava uma feira nossa, mesmo. Tudo o que a gente fez em Umari conseguiu fazer também na feira agora, só que o público era outro, e a gente conseguiu ganhar o suficiente pra manter, com o tempo foi melhorando. (Rafael Justino, agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2016).

A feira Agroecológica de Umari durou, ainda que com imensas dificuldades, sete meses. De novembro de 1996 a maio de 1997. O fim da experiência também foi uma decisão conjunta dos agricultores. Os custos, principalmente para aqueles que moravam em comunidades mais distante do local da feira, se tornaram muito onerosos. Então, em maio de 1997, a experiência de Umari se encerrou, e se iniciou uma nova pesquisa de possíveis lugares para a formação de outros espaços de comercialização.

Assim, em outubro de 1997, os agricultores receberam um convite, através do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá², para fazer uma exposição dos produtos agroecológicos na Praça da Jaqueira, em comemoração ao dia mundial da alimentação. Essa exposição seria a primeira de muitas feiras, e marcaria a criação do Espaço Agroecológico. A primeira feira, de acordo com Cláudio Oliveira:

“aconteceu no dia internacional da alimentação. A data era no dia 16 de outubro que se pensou em fazer uma feira, mas ela aconteceu mesmo no dia foi no dia 12 de outubro, que era num domingo, no dia da padroeira do Brasil, o SABIÁ propôs criar uma feirinha pra mostrar os produtos lá no Recife, em comemoração ao dia internacional da alimentação, mas caiu no domingo o dia 12. O sabiá bancou tudo, transporte organização, tudo. A primeira feira foi na praça da jaqueira e era pra ser uma exposição, mas eu ganhei 40 reais e fiquei muito satisfeito, na época era muito dinheiro”. (Cláudio Oliveira, agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2017).

Para Teresa Oliveira, esposa de Cláudio Oliveira, a feira representou uma autonomia financeira considerável na época, além de conseguir escoar a produção, que naquela altura já dava resultados, conseguiu também se desvincular dos atravessadores:

A gente [Teresa e Cláudio] pegou dois anos de uma safra boa que jerimum era que nem pedra, era gigante de colocar três num carro de mão, e a gente começou com muito mamão, que deu aqui de dar cinco quilos e a gente ainda tem foto que está perdida por aí, a gente levava ovo. Na primeira feira a gente apurou 40 reais, eu levei somente duas galinhas, e foi o primeiro dinheiro da minha vida, eu fiquei riquinha. Tinha batata, cará, macaxeira, na época dava muito que os invernos eram bons. Quando eu vendi o leite ao meu primo que era atravessador e ele me expulsou porque não quis me pagar, foi que eu pensei em arriscar, em levar um leitinho para a feira, aí a gente levou e vendeu tudo. A gente levava duas caixinhas no comezinho, depois arrumava uma banana, um abacate, um mamão, aqui a gente teve cinco anos de seca que destruiu tudo. Uma vez eu fui cobrar o leite lá e ele me expulsou e brigou e me mandou embora sem pagar nada e desse jeito apareceu a ideia de levar um leitinho direto pra feira pra ver né. ... depois

apareceu a ideia de fazer uma barrinha de queijo que a gente fazia para a gente mesmo comer, depois aprendi a fazer as outras coisas aos poucos, levamos bolo, coalhada, iogurte e a gente variou muito. (Teresa Oliveira, agricultora fundadora do Espaço agroecológico, 2017).

Para Pedro Custódio, não havia tanta expectativa a respeito da primeira feira (Imagem 1), o intuito para ele era somente expor os produtos agroecológicos:

A primeira feira não foi logo uma feira, foi uma semana da alimentação e levamos os produtos para uma experimentação, era uma exposição dos produtos e a gente ia ver se dava certo levar os produtos e se não desse certo a gente parava por ali mesmo, eu mesmo pensava que só era uma vez mesmo. Aí já tinha vários agricultores com produção e dava para criar uma feirinha. ... a gente levou de certo porque vendeu foi tudo e os clientes começaram a perguntar se ia ter mais feira. (Pedro Custódio, agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2017).

Imagem 1 - Imagens da 1ª feira do Espaço Agroecológico. Praça da Jaqueira – Recife



Fonte: Acervo Centro SABIÁ, 1997.

Dada o sucesso da exposição, com a rápida venda dos produtos, os agricultores, conjuntamente com os técnicos do Centro SABIÁ pensaram na possibilidade de trazer mais produtos, mas não apenas com o intuito de expor, mas de vender. Rafael Justino, que é fundador da feira, explica como foi a primeira feira e como foi idealizada a feira enquanto comercialização, distinta da exposição:

Foi o dia internacional da alimentação aí teve um evento lá na praça da Jaqueira, aí era pra levar uns alimentos pra expor aí aproveitamos pra levar os produtos também pra vender. Aí quando chegou lá teve muita conversa não, era mais venda mesmo do que somente mostrar. Aí os clientes gostaram e a gente gostou também porque apurou o preço dos produtos, e a gente pensou em levar a cada quinze dias pra o mesmo lugar, mas sozinhos a gente não ia ter como bancar o Toyota pra levar a gente. Aí a gente levou de quinze em quinze dias e o povo queria que ficasse sendo toda a semana aí quem tinha produção levava. Não era

uma renda grande, mas era suficiente. A feira começou mesmo mais porque o povo queria comprar, do que por a gente mesmo, porque não se pensava em ficar vindo toda semana pro Recife, se não fosse os clientes, que incentivaram a gente a ficar, não ia nem ter feira. (Rafael Justino, agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2016).

Assim, ficam claros os vínculos de solidariedade que unem os participantes da feira. O Espaço Agroecológico é uma construção conjunta dos agricultores e dos consumidores, ou seja, desde a sua construção, há a construção de laços de fraternidade, o que traz uma relação de confiança sobre a origem dos alimentos. O Espaço Agroecológico nasce também como um espaço de resistência, não apenas de um modo de vida tradicional, com estreitas ligações com o campo, mas como um espaço de luta. Nas quinzenas que se seguiram, os agricultores continuaram a levar os produtos para a Praça da Jaqueira, mas sofreram ameaças de apreensão de seus produtos pelos fiscais da prefeitura, o que ocasionou duas mudanças de endereço do mesmo, para fugir de possíveis apreensões. A esse respeito, Pedro Custódio descreve:

Com umas 4 feiras na praça da Jaqueira teve um problema porque lá era uma praça e em praça não podia ter feira, então veio a mando da prefeitura uma caçamba pra expulsar a gente de lá, mas nessa época tinha o técnico do Sabiá que trabalhava com a gente da feira e a gente era uns matutos que não sabia se defender então ele conversou com o pessoal e prometeu que a gente ia sair de lá então não levaram as barracas da gente não. Mas mesmo assim a gente saiu de lá mas não desistiu, no outro sábado a gente ficou pensando o que ia fazer pra vender os produtos, e a gente começou a conquistar uma clientela, mais ou menos uns 100 clientes comprava os nossos produtos e não queriam que a gente deixasse de vender, porque o sabor do nosso produto era outro. O coentro que eles compravam na feira livre num instante apodrecia e o da gente passava uma semana bom ainda. A gente estava com um grupo mais organizado e o sabiá dando apoio pra gente apoio, então no outro sábado a gente foi logo pra outra praça, lá perto do colégio S. Luís lá nas Graças e a gente ficou nessa praça mas sabendo que em praça não podia ter feira e foi dito e feito, quando a gente estava lá e lá chegou a caçamba de novo e a gente conversou e saiu mas a gente entrou em acordo em ir pra uma rua que tem que era perto da praça a rua Souza de Andrade e no outro sábado a gente conversou com o pessoal da prefeitura pra dizer que a gente ia ficar naquela rua, na rua Souza de Andrade, mas eles queriam que não existisse feira, mas os clientes disseram não, a gente é morador daqui e criaram um abaixo assinado e todos os clientes que vinham assinavam e quando mandou essas assinaturas pra prefeitura não teve jeito mais e a gente ficou lá, e foi aumentando os agricultores e de várias regiões, e juntou esses agricultores tudo e juntou tudo e a gente foi trabalhando com gosto e produzindo e hoje que faz 20 anos da feira a gente tá lá produzindo e vendendo o nosso produto lá na feira. Então foi vindo mais agricultores de Bom Jardim, já tinha Jones de Abreu e Lima e vinha gente lá de Chã Grande e Gravatá também. (Agricultor fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2017).

Para Lenir Ferreira essa experiência de serem expulsos de forma violenta, sem direito ao diálogo, foi assustadora, mas foi importante para estreitar vínculos com os consumidores. Segundo ela:

Lá na Jaqueira a gente teve um sofrimento muito grande, os técnicos nos deram muito apoio e fez com que a gente ficasse, era dia domingo, me lembro como hoje, aí os homens da prefeitura queriam tirar a gente e tirava mesmo, a gente foi muito persistente, a gente resistia, aí um dia veio um caminhão da prefeitura pra retirar a gente dali, eu fiquei muito assustada porque a gente não tava fazendo nada de errado, e a gente não sabia explicar as coisas direito, a gente não tinha como nem se defender, nem a gente foi avisado de nada, aí os clientes interviram e eles acabaram não levando as coisas. Depois a gente mudou para a outra praça, que é a praça dos eucaliptos, e os consumidores disseram que “aonde vocês forem a gente vai”, então com esse apoio dos próprios consumidores, a gente foi lá pra essa praça, e ficamos lá somente dois domingos aí de imediato chegou as pessoas de lá da prefeitura mesmo e disseram que a gente não podia ficar ali na praça, porque não podia feira em praça... Aí fomos pra aquela ruinha que é ainda hoje, a rua Souza de Andrade e ali toda semana a gente vai, e estamos fazendo 20 anos, vendendo as nossas coisas sem se preocupar com atravessador, a gente planta e leva diretamente para o cliente. (Lenir Ferreira, agricultora fundador do Espaço agroecológico e atual membro, 2017).

Dessa forma, a feira se estabeleceu no atual endereço, na Rua Souza de Andrade, depois de ter iniciado na Praça da Jaqueira e passado pela Praça Padre Marcelino Champagnat (Imagem 2). E a ideia de manter a feira de forma regular tomou corpo, deixando de ter apenas um caráter expositivo - feira semanal nas manhãs de sábado.

Imagem 2 - Espaço agroecológico sendo realizado na Praça Padre Marcelino Champagnat, após expulsão da praça da Jaqueira.



Fonte: acervo do Centro Sabiá, 1997

Evolução da feira de 1997 a 2017

Os primeiros três anos da feira foram os mais importantes para a consolidação do Espaço Agroecológico. Nessa época, os agricultores desenvolveram competências e habilidades de organização e venda dos seus produtos, bem como passaram por cursos de aperfeiçoamento produtivo (figura 27), que de acordo com Teresa Oliveira:

Tivemos vários cursos de beneficiamento de atendimento ao cliente ao beneficiamento. Uma das mais importantes foi o curso de atendimento ao cliente porque a gente tinha muita vergonha de falar, não sabia como falar direito. E acabamos por formar uma família entre a gente e os clientes. Teve muitos clientes que se comprometeram a nos ajudar. (Teresa Oliveira, agricultora fundadora do Espaço Agroecológico, 2017).

Também, com o ingresso de novos agricultores, foi pensado um conjunto de normas e condutas a serem seguidas por todos, e iniciaram-se as assembleias, que são reuniões trimestrais realizadas sempre na casa de um dos agricultores, que é o espaço de discussão, bem como, de tomadas de decisões. Sobre esses primeiros anos da feira, Teresa Oliveira esclarece que foi um período difícil para sua família, mas também uma época de consolidação dos laços com os colegas agricultores e com os consumidores:

Na época que eu me acidentei com Claudio tanto os agricultores como os clientes nos ajudaram na recuperação e agente conseguiu pagar tudo com produto e teve cliente que não aceitou que a gente pagasse. A gente é uma família, tinha preocupação com um motor de um agricultor que queimava e a gente se juntava para comprar, quando um agricultor estava com uma dificuldade grande, uma vez em Gravatá no inverno brabo caiu casa e a gente se juntou, problema de cirurgia, de doença, e tínhamos que ajudar. (Teresa Oliveira, agricultora fundadora do Espaço agroecológico, 2017).

No ano de 1999, foi pensado conjuntamente entre os agricultores, o primeiro regimento interno, a formalização dos princípios comuns que regem os agricultores do Espaço Agroecológico. Sobre essa construção, Adeildo Barbosa, coordenador do Espaço Agroecológico das Graças, esclarece sobre o regimento interno:

É cartilha que rege a feira, porque se não todos fazem do jeito que querem e não é assim, todos os agricultores tem o seu regimento interno, a gente sabe que nem todo mundo não lê, que sabe ele por completo, mas se há um problema a gente consulta esse regimento, e o agricultor pode servir uma intervenção, ser punido de acordo com alguma prática que não esteja de acordo com o regimento. A gente pratica naturalmente esses princípios de respeito e de confiança nos colegas. Mas ele serve também para que os agricultores não façam coisas erradas e a punição é justamente dentro do documento que rege a gente. Já teve caso de agricultor ser afastado da feira por inconveniência, por desrespeitar o regimento e desobedecer a coisas que estavam dentro do regimento interno. Mas o regimento serve mais ainda para proteger o agricultor, garantindo vários direitos dele aqui dentro do espaço. (Adeildo Barbosa, agricultor do Espaço agroecológico e atual coordenador, 2016).

Depois de elaborado, através de 02 assembleias, uma em 1998 e outra em 1999 (Imagem 3), determinou-se a periodicidade das assembleias, antes anual, e, dada a expansão do Espaço Agroecológico em quatro feiras, atualmente trimestral.

Imagem 3 - Assembleia do Espaço Agroecológico em Abreu e Lima, novembro/ 1999

Fonte: acervo Centro Sabiá, 1999.

Durante os primeiros cinco anos da feira, houve uma expansão do número de agricultores participantes, sobretudo com o fortalecimento dos sistemas agroecológicos em Gravatá e Chã Grande, no agreste central de Pernambuco.

Quadro 1: Composição do Espaço Agroecológico em 1997

Agricultor(a)	Município	Ano de Ingresso na Feira
Pedro Custódio/Rafael Justino	Bom Jardim	1997
Margarida Braga	Bom Jardim	1997
Antônio Florêncio	Bom Jardim	1997
Glória/Moacir	Chã Grande	1997
Lenir/Jones Ferreira	Abreu e Lima	1997
Cláudio/Teresa Oliveira	Bom Jardim	1997
Lourdes Negromonte	Bom Jardim	1997
Zé Viúvo	Gravatá	1997
Marcelino Bezerra	Chã Grande	1997
Carlos André	Gravatá	1997

Fonte: elaboração própria.

Durante esse período houve uma melhor organização e articulação por parte dos agricultores. Em 1999 foi criada, após cisão com o Sindicato dos trabalhadores rurais de Bom Jardim, AGROFLOR – Associação dos Agricultores Agroflorestais de Bom Jardim, em 2009 a Terra Viva, de Abreu e Lima, e a AMA-Terra –, e a Associação dos Produtores Orgânicos de Chã Grande. Em 1997 e 1998, apenas os agricultores fundadores permaneceram no Espaço Agroecológico, como mostra o quadro 2, só havendo admissão de novos agricultores no fim de 1998 e início de 1999 (como mostra o quadro 1 abaixo), no período posterior à adaptação à rua Souza de Andrade - 1997 e 1998 (ESPAÇO

AGROECOLÓGICO, 2004)). Assim, apenas 10 famílias participavam da comercialização, havendo representação dos quatro municípios, mas sem que existisse ainda nenhuma das associações de agricultores.

Considerações finais

Observando o processo de fundação do Espaço Agroecológico é possível pontuar que o mesmo possui características de mercado autônomo, ou seja, possui atributos distintos dos mercados convencionais, e também uma lógica de organização interna. Assim, é possível concluir que a comercialização, no caso da Feira Agroecológica de Umari - que mais tarde viria a se transferir para o Recife/Pernambuco - não segue os mesmos moldes das relações de mercado convencionais, trata-se de uma etapa de um processo mais amplo que inicia pela dinâmica de produção a partir de iniciativa popular.

Nota

¹ Marajó é um carro produzido no Brasil pela General Motors.

² O Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá é uma organização não governamental com sede no Recife, Pernambuco (Brasil), fundada em 1993 para promoção da agricultura familiar sob os princípios da agroecologia.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. **Transição agroecológica e ação social coletiva. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. v.1, n.4,p.50-60, out./dez. 2000.

CRISTÓVÃO, Artur; TIBÉRIO, Luis. **Comprar Fresco, Comprar Local: Será que temos algo a aprender com a experiência americana?** Cultura, Inovação e Território, o Agroalimentar e o Rural, p. 27-34. Lisboa: SPER. 2009.

DANTAS, Geovany; PACHELLY Galdino. **Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006)**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2007, 202 p.

DANTAS, Geovany PACHELLY Galdino. **Feiras Nordestinas** (fairs in northeastern Brazil). Mercator, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. p. 87 a 101, nov. 2008.

PLOEG, Jan Douwe van der. **O modo de produção camponês revisitado.** In: SCHNEIDER, Sérgio (Org.). *A diversidade da agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 13-54.

ROCHA, E. B. **Agroecologia e desenvolvimento Rural: Perspectiva do Sistema agroflorestal e, Bom Jardim – Pernambuco.** (Dissertação). Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

ROVER, O. **Agroecologia, mercado e inovação social:** o caso da Rede Ecovida de Agroecologia. *Revista de Ciências Sociais UNISINOS*, jan.-abr. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em 27/09/2019.

Aceito para publicação em 15/10/2019.